



Roberto, Mikaela. **Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório**. – 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 176 páginas. ISBN 9788579341243

Josenildo Barbosa Freire<sup>1</sup>  
Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do RN-SEEC  
josenildo.bfreire@hotmail.com

O livro *Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório* (Parábola Editorial, 2016), da professora Mikaela Roberto, atual docente da UFRRJ, versa no conjunto da obra sobre duas subáreas da Linguística que tratam da produção, dos seus efeitos numa abordagem acústica, articulatória e auditiva e do processamento dos sons da fala. Essas subáreas são, respectivamente a Fonética e a Fonologia. Roberto (2016) também trata da relação dessas disciplinas com o ensino de língua materna. A obra resenhada pertence à *Série Estratégias de Ensino*, número 55, da supracitada editora e está organizada em seis capítulos, distribuídos pelas 176 páginas que a compõem. Além dos capítulos, o referido livro contém o prefácio que é feito pela professora Leonor Scliar-Cabral (Professora emérita da UFSC). Há ainda uma apresentação e um glossário. Em todos os capítulos também constam duas seções, intituladas de *Síntese e Prática* que, no primeiro caso, sumariza os tópicos abordados em cada capítulo e traz, na segunda parte, uma lista de atividades práticas/aplicadas para ser realizada pelo leitor.

No primeiro capítulo, intitulado *Conceitos Básicos*, a autora apresenta os conceitos centrais que compõem as áreas de Fonética e de Fonologia. Roberto (2016) inicia o texto afirmando que a capacidade humana de produzir enunciados está ligada a um número bastante limitado de unidades predominantemente sonoras. A autora diferencia Fonética de Fonologia mesmo que reconheça que ambas as disciplinas convirjam para o “universo sonoro das línguas” (ROBERTO, 2016, p. 16) e assinala: “A fonética estuda e descreve os sons produzidos pelo ser humano quando fala, enquanto que a fonologia estuda os fonemas e os traços fonéticos como unidades distintas e abstratas (ROBERTO, 2016, p. 38)”.

Logo em seguida, a autora descreve como se deu o início dos estudos fonético-fonológicos. Esse período corresponde ao início do século XX e com as ideias seminais de Saussure (2006 [1916]) entre *langue* e *parole*. Nesse contexto de estudos são destacados os nomes de Karchevski, Jakobson e Trubstzkoy, dentre outros, que pertenciam também ao Círculo Linguístico de Praga. A autora também situa as áreas de abrangência da Fonética: articulatória, acústica e auditiva/perceptiva, sobretudo ao demonstrar que esses campos da Fonética tomam a matéria fônica por viés diferente, respectivamente, análise do som durante sua produção; suas características acústicas e como o receptor reconhece e percebe os sons humanos. A pesquisadora carioca ainda apresenta e descreve o aparelho fonador humano. Esse sistema é o resultado de três outros sistemas humanos: respiratório, fonatório e articulatório.

---

<sup>1</sup> Dr. em Linguística pela UFPB; e-mail para contato: josenildo.bfreire@hotmail.com.



Segundo Roberto (2016), o aparelho fonador está inserido na área da Fonética Articulatória.

O conhecimento linguístico acerca da articulação, da produção e da percepção dos sons humanos é central tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático, especificamente quando aplicado ao ensino de língua materna e no desenvolvimento das atividades de alfabetização. Dessa forma, Roberto (2016) contribui proficuamente com o seu manual.

Nesse contexto da Fonética Articulatória, Roberto (2016) distingue os articuladores ativos e passivos que participam diretamente da produção dos sons humanos distintivos. A pesquisadora estabelece as diferenças básicas entre fonema e fone. A referida professora ainda discute longamente o conceito de fonema proposto por Dubois *et al.* (1999). Também, a autora apresenta a definição de variação livre ou variação posicional que ocorre nos fenômenos de alofonia. Contudo, sabemos que a partir do quadro teórico-metodológico da Teoria da Variação (LABOV, 2008[1972]), o conceito de variação livre foi redimensionado para o de regra variável. Em seguida, a pesquisadora inicia a discussão acerca dos traços distintivos que são compreendidos na vasta literatura fonológica como propriedades acústicas ou articulatórias, tais como: nasalidade, sonoridade, labialidade, coronalidade. Roberto (2016) apenas cita a primeira proposta de formalização dos traços, a de Jakobson, Fant e Halle (1952) e sumariza a proposta de traços de Chomsky e Halle (1968), marco da Fonologia Gerativa. Aqui, entendemos que Roberto (2016) poderia ter dedicado mais espaço a esses tópicos, realizando discussões teóricas específicas acerca dessas propostas. Essas abordagens constituem formas sólidas de se entender o funcionamento da fonologia das línguas naturais.

Ainda no capítulo em tela, a professora Roberto destaca os traços distintivos relevantes para a compreensão dos sistemas consonantal e vocálico do português brasileiro (doravante, PB). Roberto (2016) discute o fenômeno da neutralização, isto é, a perda de contraste fonêmico em contextos específicos do ambiente linguístico. A autora aborda questões vinculadas à noção de classes naturais a partir da proposta de Chomsky e Halle (1968), como estratégia de captação de processos e de fenômenos fonético-fonológicos que ocorrem em classes naturais da língua e não isoladamente. Assim, por exemplo, no PB, essa realidade linguística pode ser verificada na regra de palatalização de /t, d/ diante de [i] ou do *glide* [j] que constitui uma regra natural. Roberto (2016), por fim, discute brevemente o tópico fonologias não lineares, ressaltando que o modelo de Chomsky e Halle (1968) “abriu caminho” para novas formas teóricas de abordagem fonológicas. Os modelos não lineares entendem a Fonologia como uma organização de traços fonológicos hierarquicamente dispostos e que estão em interface com outros componentes da gramática, tais como a sintaxe e a morfologia.

Também, avaliamos como uma lacuna essa breve discussão sobre os modelos de fonologias não lineares que Roberto (2016) realizou. A abordagem fonológica feita sob a perspectiva de propostas não lineares tem cada vez mais demonstrado seu poder e alcance explicativo acerca dos fenômenos e processos fonológicos existentes nas línguas naturais.



No segundo capítulo, intitulado *Fonemas e alofones do português brasileiro*, a pesquisadora carioca explora os sons vocálicos, os consonantais e as semivogais do PB. Inicialmente, Roberto (2016) apresenta algumas questões relacionadas ao IPA (*International Phonetic Alphabet*) como ferramenta de trabalho em clínicas, na Linguística e na Educação. Roberto (2016) ainda descreve o sistema vocálico do PB abordando aspectos ligados ao que se convencionou a se chamar de vogais orais e de vogais nasais. Neste quesito, ela questiona: há vogais nasais no PB? Se há, quem são os pesquisadores e por que defendem? A autora, também, diferencia nasalidade de nasalização e apresenta a classificação das vogais do PB segundo a NGB (Norma Gramatical Brasileira). Roberto (2016), também, assinala a complexidade conceitual e sociolinguística que está em volta do sistema vocálico do PB, o qual pode ser enquadrado como subsistema da língua conforme for a variedade dialetal analisada. Entendemos que esse reconhecimento conceitual e sociolinguístico que circunda o sistema fonológico da língua é basilar para o desenvolvimento de práticas de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Essas novas formas de ensino devem se distanciar de atividades categóricas, dogmáticas e preconceituosas acerca dos fatos da língua.

Ainda neste capítulo, a autora apresenta o sistema consonantal do PB, destacando os fonemas, as suas realizações alofônicas, os modos e os pontos de articulações dos fonemas do PB. Roberto (2016) descreve a classe dos róticos que, devido às suas características específicas dentro do sistema consonantal e sociolinguístico do PB, mereceu maior discussão. Segundo a autora,

as teorias a respeito dos róticos ainda trazem muita controvérsia e a definição usualmente difundida é a de que os róticos compõem o conjunto de possíveis realizações do 'r' no PB (ROBERTO, 2016, p. 62).

A autora finaliza o capítulo apresentando o *status* fonético-fonológico do grupo dos *glides* ou semivogais.

No terceiro capítulo, intitulado *Constituintes Prosódicos*, a autora descreve um estudo sincrônico dos constituintes prosódicos específicos à estrutura da sílaba e ao acento fonológico no PB. Neste capítulo, a pesquisadora também afirma “[...] todas as línguas organizam-se a partir de uma hierarquia de unidades ou constituintes [...]” (ROBERTO, 2016, p. 69). A professora Mikaela Roberto inicia o capítulo definindo sílaba a partir do conceito formulado por Dubois *et al.* (1999) e ressalta a essencialidade da noção sílaba para os estudos fonológicos. Roberto (2016), também, assume a concepção métrica de sílaba adotada por Selkirk (1982) que é formalizada em um ataque e em uma rima e, esta por sua vez, consiste em um núcleo e em uma coda. Logo em seguida, Roberto (2016) discute e descreve os segmentos fonológicos que podem formar o molde silábico do PB, ou seja, a estrutura possível de sílabas de um sistema linguístico. Ainda neste capítulo, a autora aborda os encontros consonantais, dígrafos, ditongos e hiatos próprios do PB. A autora, também, ressalta a importância da separação silábica e a translineação – passagem da escrita de uma linha para a outra, de modo que uma parte fica na linha superior e o resto na outra linha - e sua relação com o ensino. Em seguida, Roberto (2016) trata de outro constituinte prosódico e ainda pouco conhecido: o pé métrico, sublinhando que é



justamente nesse nível que muitas regras fonológicas ocorrem. Neste sentido, a referida pesquisadora, também, aborda questões vinculadas ao acento fonológico em PB, tais como as noções de: moras, sílaba pesada, sílaba leve, dentre outros. Logo depois, a autora versa sobre a palavra fonológica e o grupo clítico, chamando atenção para o *status* fonológico desses itens na língua. Roberto (2016) conclui o capítulo tratando brevemente sobre os demais níveis de hierarquia prosódica das línguas naturais.

A discussão feita por Roberto (2016) em toda obra repercute sobre as práticas de ensino-aprendizagem, mas queremos chamar a atenção, maiormente, do professor do clico de alfabetização para os tópicos deste capítulo. O capítulo em tela oferece uma rica discussão e reflexão sobre as diversas categorias linguísticas que reverberam sobre o fazer pedagógico do professor. Essa prática demanda dos docentes novas configurações em sala de aula ao tratar dos fatos fonético-fonológicos.

No quarto capítulo, *Transcrições no PB: praticar para entender*, a autora realiza estudo detalhado sobre os principais processos e regras fonológicas do PB. Roberto (2016) demonstra como se fazem transcrições fonético-fonológicas dessa língua. Segundo autora:

As chamadas transcrições nos estudos fonético-fonológicos têm muitas funções. A primeira dessas funções, de caráter teórico, é formalizar o registro das diferenças linguísticas [...] ou de formalizar uma representação abstrata padrão das possíveis realizações [...] (ROBERTO, 2016, p. 97).

Para tanto, Roberto (2016) inicia sua análise diferenciando transcrições fonéticas de transcrições fonológicas e explicita como são as representadas essas convenções sonoras. Ainda, nesse contexto, a autora chama a atenção do transcritor para considerar realizações específicas de cada variedade linguística e até mesmo da variação de símbolos que se diferencia de autor para autor. Em seguida, a autora destaca o papel dos símbolos do IPA como também dos vários diacríticos que podem ser usados durante a atividade de transcrição. Roberto (2016) exemplifica essa prática por meio de uma longa lista de palavras da língua portuguesa, de possíveis transcrições fonéticas e fonológicas. A autora destaca e exemplifica a existência de fenômenos fonológicos, como alçamento, palatalização, africatação, sândis, monotongação, ressilabificação, assimilação e de alofonia envolvendo os róticos do PB. A autora sublinha a importância de, ao se realizar transcrições fonético-fonológicas, estar atento para a variedade linguística que se toma em consideração durante a análise.

Também, queremos registrar esse valioso apontamento de Roberto (2016) ao dar um destaque especial à existência de variados fenômenos fonológicos nas línguas. O conhecimento desses processos linguísticos permite, por um lado, a atuação adequada do professor de língua e, por outro, traçar o perfil sociolinguístico dos seus alunos.

Já no quinto capítulo, intitulado *Processos Fonológicos*, a autora apresenta, descreve e exemplifica os principais processos fonológicos que ocorrem no PB. De acordo com Roberto (2016, p. 117)





Os processos fonológicos são inatos, naturais e universais: todo ser humano se depara com a realização dos processos fonológicos, especialmente na fase de aquisição da linguagem, em que dificuldades de articulação costumam ser mais frequentes. (ROBERTO, 2016, p.117)

Ao iniciar o capítulo, Roberto (2016) traz a definição de processos fonéticos e fonológicos, a partir da conceituação de Stampe (1973). A autora ainda destaca que a relevância desse conceito está na possibilidade de se compreender aspectos da mudança linguística, das variações fonéticas e da aquisição da linguagem, de processos de alfabetização, de problemas fonoaudiológicos, de desvios fonológicos e de processamento psicolinguístico. A autora, também, adota, na obra resenhada, a descrição dos processos fonológicos seguindo a ordem seguinte: supressão, adição, transposição e substituição. Sendo assim, nas sessões seguintes, a autora passa a descrever e a exemplificar cada tipo desses processos fonológicos considerando dados de aquisição de linguagem e de usos sociolinguísticos diversos. Logo em seguida, a pesquisadora carioca aborda ligeiramente a formalização de uma regra fonológica e depois passa a tratar de questões relacionadas à fase de aquisição da linguagem, relacionando a noção de processos fonológicos aos problemas chamados de desvios fonológicos. Nesse contexto, Roberto (2016) alerta para o papel de educadores, pais e profissionais da saúde durante esse período de aquisição de linguagem.

E, no último e sexto capítulo, intitulado *Ortografia: repensar seu ensino*, a autora realiza uma reflexão específica acerca de questões fonético-fonológicas e, ao mesmo tempo, Roberto (2016) busca embasamento para entender os princípios básicos do sistema de escrita e da ortografia do PB. Logo de início, a pesquisadora carioca aborda aspectos relacionados à ortografia, apontando-a como uma tecnologia e, concomitantemente, chama a atenção dos educadores para garantir aos discentes os direitos de conhecer e dominar as regras do jogo da escrita/leitura. Neste sentido, a autora afirma:

[...] o professor precisa munir-se de conhecimentos diversos para poder exercer seu papel formador de maneira adequada e competente. Aqui, questões relacionadas às convenções da escrita, especificamente a ortografia, são trazidas à tona, de modo a auxiliar na condução desse tema, muitas vezes como tabu no ensino de língua materna (ROBERTO, 2016, p. 139).

Roberto (2016), também, aponta para a necessidade da existência de um sistema ortográfico fonêmico em detrimento do sistema fonético no PB e trata de como ocorreu a evolução ortográfica do sistema alfabético do PB, destacando as fases distintas do nosso sistema escrito: fonética, período clássico e simplificada (pseudoetimologia). Também, nesse contexto, a referida autora aborda alguns aspectos do Acordo Ortográfico de 1990, sublinhando a sua contextualização histórica, os pontos polêmicos e a sua relevância para as mudanças que ele impôs à ortografia do PB. Já na seção seguinte, a autora versa sobre os princípios alfabéticos



do PB à luz da proposta de Scliar-Cabral (2003), assinalando seus impactos sobre as práticas de leitura e de escrita.

Assim, para Roberto (2016) esses princípios (SCLIAR-CABRAL, 2003) aplicados à leitura formam um grupo de três parâmetros: regras independentes de contexto grafêmico, regras dependentes de contexto grafêmico e regras da metalinguagem e/ou do contexto textual morfossintático e semântico. No que diz respeito aos contextos aplicados à escrita são: relações independentes do contexto, relações dependentes do contexto fonológico morfossintático e fonético, relações de derivação morfológica e as chamadas alternativas competitivas. A autora também exemplifica todos esses princípios. A professora Mikaela Roberto (2016), ainda, discute a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a alfabetização, destacando como ocorrem as regras envolvidas na realização de leitura e de escrita, por meio da consciência de rimas e aliterações, de palavras, da consciência silábica e fonêmica. E por fim, na última seção, Roberto (2016) trata do ensino da ortografia e aponta como os professores e/ou profissionais da saúde devem comporta-se diante da manifestação das escritas desviantes exibidas pelos alunos.

Como um livro introdutório Roberto (2016) é altamente recomendável. Toda a obra é produzida numa linguagem acessível aos iniciantes, sem perder o poder teórico e explicativo de um *best-seller*. Roberto (2016) permite, também, compreender como se faz descrição e análise fonético-fonológica de diversos fenômenos linguísticos do PB. Essa postura adotada pela autora constitui um ganho para a formação de novos pesquisadores, como também para os professores de língua portuguesa.

Assim, considerando a obra em seu conjunto que aborda aspectos vinculados à Fonética e à Fonologia do PB e ao ensino, merece destaque o uso do estilo acessível, sem perder a informação central mesmo quando se fez uso de termos técnicos e especializados das duas áreas. Ainda, constatamos em Roberto (2016) a preocupação frequente de relacionar a nomenclatura específica ao ensino, como as ressalvas constantes referentes aos problemas de leitura e/ou ao não contato frequente com os termos técnicos utilizados na obra. Essa postura adotada por Roberto (2016) engradece a obra e sinaliza também para o seu leitor presumido: o professor de língua portuguesa.

Reconhecemos que mesmo sendo uma obra introdutória e, por si só já digna de ampla divulgação, o referido livro não perde o poder teórico e explicativo de duas áreas da Linguística que estão inseridas no núcleo duro desse campo/área do conhecimento. Fonética e Fonologia são duas disciplinas que a cada dia despertam mais pesquisadores.

Outro destaque, na obra, é a presença de uma síntese que cada capítulo traz. Nela a autora sumariza as ideias principais que foram abordadas ao longo de todo o capítulo; como também, há uma parte prática que compõe cada capítulo: são exercícios práticos que permitem a internalização dos conceitos que foram trabalhados na obra.

Há também na obra, a contribuição de um glossário que, além de possibilitar uma consulta rápida a verbetes tão específicos, também, permite a introdução do leitor em termos/categorias técnicas da Fonética e da Fonologia.



Um aspecto que nos chama bastante à atenção durante a leitura da obra é a presença constante em todos seus seis capítulos de boxes, isto é, caixas de textos que auxiliam e permitem uma maior compreensão do tópico que está sendo abordado e/ou de uma temática importante que dialoga discursivamente com esse tópico. Assim, por exemplo, esses boxes apresentam e/ou retomam conceitos dos tópicos abordados ou indicam referências específicas para consulta do leitor.

Desse modo, entendemos que a precisão vocabular adotada pela autora, a presença de sínteses, de glossário, de boxes e de atividades práticas, no interior da obra resenhada, constituem estratégias e mecanismos que tornam a sua leitura muito interessante, tanto do ponto de vista teórico quanto prático.

Mesmo sendo uma obra introdutória e projetada para alunos da graduação e/ou professores, Roberto (2016) oferece, também, para os leitores mais experientes a possibilidade de refletir sobre a diversidade de fenômenos fonético-fonológicos existentes no PB.

O livro também tem como leitores em potencial os pesquisadores de língua portuguesa e de suas respectivas variedades linguísticas, pais e/ou responsáveis de alunos em idade escolar, profissionais da saúde, professores, técnicos/planejadores de programas de oficiais de governo que querem conhecer aspectos da Fonética e da Fonologia do PB.



## Referências

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de linguística**. – São Paulo: Cultrix, 1999.

JAKOBSON, R.; FANT, G. & HALLE, M. 1952. **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge: MIT Press, 1952.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

Leonor Scliar-Cabral. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil** - São Paulo: Contexto, 2003.

Roberto, Mikaela. **Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório**. – 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SASSURE. Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. – 27. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, Van Der. **The structure of phonological representations (part. II)**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, p. 337-383, 1982.

STAMPE, David. **A dissertation on natural phonology**. Tese de Doutorado, Universidade de Chicago, EUA, 1973.

Recebido em: 26/10/2020

Aprovado em: 27/11/2020